

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador** caminhos para uma prática de ensino. São Paulo, Loyola, 1986.

O trabalho de Márcia Resende, que resultou de sua dissertação de mestrado, pesquisa financiada pelo INEP/MEC, propõe um novo ensino alternativo de **geografia crítica** para alunos das camadas populares, tomando como ponto de partida, no ato de ensinar, **o saber** que o aluno trabalhador traz consigo e sua história de vida, numa relação dialética entre a realidade e o conhecimento.

É através de relatos simples e concretos que a autora mostra, de um lado, a vivência espacial e o saber geográfico que os alunos têm; de outro, o desinteresse que os mesmos demonstram com o ensino de uma Geografia fragmentada, mnemônica e desarticulada da realidade social.

Por isso, Márcia Resende critica, com fundamento, a concepção tradicional positivista do espaço e aponta direções para o ensino de uma Geografia em que o aluno é visto, não como objeto, mas como **sujeito** do processo ensino-aprendizagem.

Inicialmente, a autora focaliza o tema como conseqüência de três convicções: 1) a importância da escola formal para as classes populares, que se evidencia por sua experiência em educação popular, 2) a necessidade de redefinir o conteúdo de nosso ensino e encontrar formas pedagógicas capazes de socializá-lo; 3) no ato de ensinar Geografia ou História, dever-se-ia partir do saber experimental do aluno, como pressuposto pedagógico de uma aprendizagem eficiente.

No sentido de identificar melhor estas convicções, a pesquisadora questiona: "existe um saber geográfico, pré-escolar, que brota da experiência social do aluno trabalhador no seu espaço de vida? Afinal, quais são as características fundamentais, os traços distintivos dessa consciência

geográfica peculiar? Que importância ela pode ter para ensinar Geografia?"

Para responder a estas indagações, a autora apresenta relatos de vida de alunos de classes populares, da 5ª à 8ª série do 1º grau, cujos resultados foram reproduzidos no capítulo III desse livro.

De forma clara e objetiva, Márcia Resende divide o conteúdo de seu livro em cinco capítulos.

No primeiro, ela faz uma síntese dos problemas gerais do ensino de Geografia, procurando detectar as possíveis **causas** da chamada **crise da Geografia**. Entre estas, foram apontadas "a má organização do conteúdo curricular; a maneira como a Geografia é encarada pelos professores, ou seja, de forma fragmentada e nunca como totalidade; o desprezo pelas Ciências Humanas em função das Ciências Físicas e Biológicas e a condição sócio-econômica dos alunos"... Tendo em vista estas falhas no ensino da Geografia, ou melhor, por não trabalhar a realidade vivida pelo aluno, tem ocorrido um processo de parcelamento da totalidade vivenciada, uma cristalização de tudo que não é estático e sim dinâmico.

No capítulo seguinte, aborda o conceito de espaço geográfico tradicional, fazendo uma sumária crítica de seus fundamentos e aponta alguns caminhos para sua superação. Neste aspecto, Márcia Resende mostra que os seguidores desta geografia tradicional optam por um método de pensar e ensinar, ocultando o papel central do trabalho social na construção do espaço geográfico.

Face a este tipo de Geografia, a autora critica, por exemplo, os capítulos 8 e 15 do **Manual de Geografia**, do professor Elian A. Lucci, explicando que não se trata de erro ou falha científica, passível de aperfeiçoamento em edição posterior, mas é questão de método de ensino, que expõe de forma arbitrária os fatos geográficos, excluindo o aspecto social. A seguir,

no terceiro capítulo, a pesquisadora relata, de forma detalhada, as **histórias de vida** de 8 alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau, que serviram de amostra, caracterizando desta maneira, em linguagem simples e popular, a realidade espacial do aluno trabalhador.

Com referência ao quarto capítulo, a autora analisa e interpreta criticamente o universo físico e social da gente do povo, cujos relatos são antes experiências de pessoas comuns e anônimas, que demonstram uma espécie de heroísmo do cotidiano. Para estas pessoas, diz ela, "a Geografia é acima de tudo este espaço real, cuja vivência é necessária à ciência geográfica, em virtude de seu caráter de **saber originário**, produzido pela ação do homem sobre a natureza". Este saber, esclarece Márcia Resende é, via de regra, "deliberada ou inadvertidamente ignorado pela escola e muitas vezes considerado como um obstáculo ao verdadeiro saber"...

Nesta perspectiva, a autora entende que este conhecimento que brota de **histórias de vida** é considerado como **categoria** do espaço real, assim discriminado: 1) o espaço como integração natureza/trabalho; b) o espaço como produto da divisão social do trabalho; 3) o espaço urbano: luta pela moradia; 4) o espaço político; 5) do espaço vivido ao não vivido.

Márcia Resende analisa minuciosamente cada uma destas supostas categorias, em confronto com os depoimentos apresentados, evidenciando, deste modo, o saber próprio do aluno no espaço real e geográfico que, se devidamente considerado, poderá facilitar o acesso dele ao patamar do conhecimento científico.

Finalmente, no quinto capítulo, a autora, após ter demonstrado a existência deste saber espacial do aluno, esboça algumas sugestões de integração possível, no dia-a-dia da sala de aula, do saber espacial com o geográfico, que pretende levá-lo a assimilar como **sujeito** do processo de conhecimento.

A elaboração de estratégias e instrumentos didáticos específicos para esta experiência de ensino, diz Márcia Resende, "escapa ao objetivo central deste trabalho, que visa demonstrar, de modo empírico, a existên-

cia desse saber do aluno trabalhador e localizar os seus traços distintivos".

Com modéstia, a autora informa que uma escola municipal de Belo Horizonte-MG já realiza experiências programática e metodológica à luz das idéias expostas neste seu trabalho sobre geografia alternativa, e que ela pretende acompanhar e avaliar.

Na análise final sobre integração do espaço real ao espaço geográfico no ensino desta disciplina, critica, ainda, o conteúdo programático do mesmo professor Lucci, não só como de concepção **antidialética**, como também, por se tratar de um ensino fracionado e parcial, e não como **totalidade**: o homem, sua história, sua cultura e seu trabalho sobre o espaço geográfico. Para o referido professor, diz a autora, "o homem é apenas mais um dado no espaço geográfico... algo exterior e acessório, jamais imanência, fator essencial na produção do espaço..." Por outro lado, esclarece, o aluno não participa de seu próprio espaço geográfico como ser histórico do processo.

Assim, Márcia Resende explicita que, embora não seja finalidade de seu trabalho elaborar qualquer material didático, contudo, ela apresenta uma proposta integradora do espaço real e geográfico como alternativa ao programa de Geografia da 5ª série do 1º grau.

Estas sugestões apresentadas, esclarece a autora, "não têm outra pretensão que não seja ilustrativa" e servirão ao menos para demonstrar o extenso caminho a percorrer na prática do ensino de Geografia, ou ainda como uma forma de estimular a imaginação e a criatividade dos professores que se interessam pela proposta de construir uma escola para o povo.

Márcia Resende, concluindo o seu trabalho, enfatiza a necessidade de se repensar **coletivamente** sobre o **método** e a **práxis** da Geografia, bem como de reconhecer a legitimidade do saber espacial do aluno da classe

trabalhadora como **sujeito** do processo de ensino e incorporá-lo à estratégia pedagógica, tendo como instrumental do processo de mudança uma nova Geografia escolar crítica.

Portanto, a autora acredita que este trabalho possa prestar subsídio e

avanço no resgate da Geografia como ciência social, assim como abrir novos caminhos de reflexão fecunda para todos os geógrafos, pesquisadores e professores.

Samuel Aureliano da Silva